

Aspectos cotidianos da Ordem do Hospital na Idade Média

Bruno Mosconi Ruy (PPH-LEAM/UEM)
Jaime Estevão dos Reis (DHI-PPH-LEAM/UEM)

Um dos mais importantes aspectos de qualquer iniciativa caritativa é a fonte da qual ela retira sua inspiração e força motivacional, e isso é especialmente verídico para a dinâmica histórica da Ordem do Hospital. O uso da palavra "histórica" é interessante, pois transmite a ideia de um trabalho contínuo realizado ao longo do tempo – e os princípios caritativos dos Hospitalários, em ocasiões de dificuldade e pujança, permaneceram praticamente inabalados. Os preceitos espirituais de sua vida e obra, encontrando-se nos bastidores de seus empreendimentos sociais e médicos, são inegavelmente importantes – e seus registros históricos, oportunamente, são praticamente exclusivos em contraste com a ala militar da Ordem. Bulas papais, os Estatutos de Raymond du Puy e Roger des Moulins, e os relatos de peregrinos visitantes nos ajudam a compreender e descrever o trabalho e a organização do Hospital em Jerusalém.

No que concerne a registros de peregrinos, um dos mais inestimáveis documentos disponíveis narra a estadia do "Peregrino Desconhecido" no Hospital de São João, em Jerusalém, que Delaville le Roulx deixou de fora de seu *"Cartulaire des Hospitaliers"* e Benjamin Z. Kedar transcreveu no artigo, *"A Twelfth-Century Description of the Jerusalem Hospital"*, popularizado por Helen Nicholson no segundo volume de sua obra *"The Military Orders"* (1998, pp. 3-26). Este texto, comparado com as Regras e Estatutos disponíveis, é imprescindível no exercício de detalhamento do cotidiano da Ordem, sobretudo porque suas estruturas em pouco variam nas especificações técnicas. Importante lembrar, transcrições e análises práticas desta comparação constituíram a base da maior parte da historiografia concentrada no interior do Hospital durante o século XII.

Como se sabe, a organização inicial do Hospital foi baseada em uma sequência de adaptações da Regra de São Bento, e a reconstrução de seu cotidiano deve levar em consideração a rotina monástica dos beneditinos (DELAVILLE LE ROULX, *Cartulaire*, vol. 1, no. 70). Os Hospitalários conduziram

grande parte de sua vida espiritual em obediência aos preceitos de seus próprios estatutos, mas sem abandonarem seus patamares monásticos. Em suas obras, Riley-Smith chama a atenção para a importância da espiritualidade hospitalária, e ao fato de que os hospitalários permaneceram incontestavelmente religiosos em sua rotina de serviço. Em Jerusalém, a moderação de suas vidas instalou-se em um verdadeiro “espelhamento” das doutrinas de São Bento: limpavam seus próprios corredores e pátios, dividiam camas em dormitórios humildes, viviam à parte dos demais servos e mercenários que circundavam o sepulcro, almoçavam ou jantavam juntos em um refeitório, e não raramente, usavam esse mesmo refeitório – em silêncio contemplativo – para cumprirem com seus jejuns (RILEY-SMITH, 2002, p. 2).

De acordo com essas mesmas tradições monásticas, o Hospital também recorria à formalidade do sacerdócio para o desempenho de diversos sacramentos e serviços religiosos mais específicos. A princípio, por recomendações papais, a Ordem apenas permitia o serviço de padres em regime de tempo parcial, por algumas horas do dia e por alguns dias da semana. A partir da segunda metade do século XII, os Hospitalários foram autorizados a treinarem seus próprios sacerdotes, de acordo com as exigências específicas de seu cotidiano. O sacerdócio recebia confissões, realizava missas matinais e velórios, operando tanto para o Hospital em si quanto para os doentes e peregrinos acolhidos em suas dependências (DELAVILLE LE ROULX, Cartulaire, vol. 1, no. 70/504).

Mesmo que, em termos de finalidade, mosteiros beneditinos e o Hospital fossem completamente distintos, não é possível afirmar que suas atividades, sobretudo ao longo do século XII, não fossem basicamente estruturadas ao redor de serviços administrativos e contemplativos. Cada dia da semana encontrava um significado correspondente no Ano Eclesiástico, e os Hospitalários não trabalhavam fora desta coerência, tanto em suas atividades caritativas quanto em suas celebrações religiosas. Durante a Quaresma, por exemplo, uma ênfase maior era direcionada à assistência dos miseráveis e doentes. Aos domingos deste período, o Hospital comumente mantinha a tradição de lavar pés e presentear peregrinos com

conjuntos de roupas novas. Em alguns casos, os Hospitalários também distribuíam parte de suas reservas monetárias entre os pobres.

Em suma, o ideal da Ordem era celebrar uma vida cristã imersa em um contexto monacal, com o principal objetivo de servir aos necessitados. A Regra de Raymond du Puy refere-se à distribuição dessa rotina, sempre tendo em vista seu enquadramento dentro das horas canônicas (DELAVILLE LE ROULX, Cartulaire, vol. 1, no. 70). A saber, o décimo primeiro capítulo da Regra decreta que o hospitalário é obrigado a comer em silêncio, e não deve beber após o dia de serviço. Assim como acontecia entre os beneditinos, esperava-se que os irmãos aproveitassem seu tempo vago com celebrações litúrgicas, uma extensão “compensatória” das atividades físicas e administrativas que desenvolviam ao longo do dia. Todavia, ao invés de também investirem parte desse tempo em escrita e leitura como beneditinos, os Hospitalários se revezavam em turnos noturnos, de até cinco horas, para lidarem com eventuais contingentes de peregrinos em épocas específicas. Em dias “normais”, a maior parte do trabalho físico do Hospital reservava-se entre as nove horas da manhã e o meio-dia, parando para o almoço e sendo retomado entre as três horas da tarde e sete horas da noite. Entre as seis e as nove horas da manhã, os irmãos ocupavam-se com tarefas particulares e desjejum. As duas horas de intervalo imediatamente anteriores ou posteriores a qualquer atividade eram, como supracitado, preenchidas com orações. Em casos de extrema necessidade, os turnos eram estendidos, sem compensações.

Embora não fossem obrigados a isso, os peregrinos e enfermos não raramente auxiliavam os Hospitalários em suas tarefas cotidianas, e os seguiam na liturgia e comemorações de dias santos. No Dia da Candelária, no início de fevereiro, os Sargentos do Hospital carregavam castiçais nas procissões organizadas pela instituição, e eram normalmente acompanhados por fiéis devotos. A Quarta-feira de Cinzas, algumas semanas depois, contava com a presença desses mesmos Sargentos, mas a companhia dos internos se fazia mais presente, sobretudo no que concernia à leitura de salmos e ladainhas. No altar do Templo em Jerusalém, o sermão de salvação eterna era pregado tanto aos irmãos quanto aos peregrinos e doentes presentes. Na primeira segunda-feira posterior à Páscoa, era

comum que grandes procissões encaminhassem-se até o Hospital da cidade, para celebrarem as festividades de colheita. Nessa e em outras épocas especiais, como o Natal, a própria Páscoa e o Pentecostes, as camas da instituição eram cobertas de seda, e os pacientes receberam refeições reforçadas. Não menos importante, esses mesmos pacientes retribuíam o reforço com jejuns religiosos, tão logo estivessem em condições para tanto (EDGINGTON apud NICHOLSON, 1998, pp. 32-37).

O elevado número de doentes e peregrinos nos faz imaginar o quão grande era a área ocupada pelo Hospital de Jerusalém e, por conseguinte, o quão trabalhoso era o processo de sua administração. Documentos revelam que os muitos edifícios do “bairro” Hospitalário – duas basílicas, o próprio hospital, dois pátios, dormitórios, refeitório, a torre do sino e setores administrativos – cobriam uma área de aproximadamente dezessete mil metros quadrados, pelo menos até o fim do século XII. Outros prédios foram posteriormente adicionados, sobretudo ao longo do século XIII: um segundo hospital, uma casa de banhos, a casa do Grão-Mestre, estábulos e celeiros. Cada uma dessas construções, onde centenas de cavaleiros, irmãos ordenados, peregrinos, doentes e animais eram meticulosamente acomodados e alimentados, tinha que ser organizada – tanto pela necessidade quanto pelo prestígio que o Hospital tinha a zelar.

No que dependemos de relatos peregrinais, todo esse complexo estrutural parecia ser mais impressionante do que o próprio Santo Sepulcro. John de Würzburg, que visitou a Cidade Santa entre as décadas de 1160 e 1170, descreveu o Hospital como um local gigantesco, capaz de alojar multidões de homens e mulheres doentes. Theodericus, que visitou Jerusalém em meados de 1169, mencionou dormitórios com “mais de mil camas”, e descreveu a estrutura completa da instituição como sendo incrivelmente bela. Também é de Theodericus a primeira descrição dos materiais e suprimentos da Ordem. Embora o supracitado Peregrino Desconhecido seja pioneiro em inúmeros detalhes, não deixou muitos registros sobre as fontes de abastecimento do Hospital. Sabemos que, tanto do Ocidente quanto do Oriente, remessas anuais e fechadas de lençóis, colchas, açúcar processado, animais e medicamentos eram enviadas a Jerusalém, e por

inferência deduzimos que direcionavam-se aos Hospitalários (RILEY-SMITH, 1999, pp. 56-58).

Tal inferência não é absolutamente gratuita. Especialmente nas duas últimas décadas do século XII, o Capitulário Geral de Jerusalém passou a incluir registros de repasses de renda aos irmãos do Hospital, sobretudo para que contratassem ou treinassem mais médicos. Esses repasses geralmente aconteciam pouco antes da Quaresma e imediatamente após a Páscoa, em épocas reconhecidamente movimentadas da instituição, e sua distribuição não raramente coincidia com o envio dos demais produtos. Vale o relevo, qualquer sobra de recursos era seguramente estocada, ou distribuída nas ruas – às imediações do Hospital. O Peregrino Desconhecido relata que, um pouco antes de chegar ao Hospital, testemunhou uma fila de miseráveis às portas da Igreja do Santo Sepulcro, recebendo medicamentos, casacos e sapatos dos Hospitalários, para amenizar o frio da rua (KEDAR apud NICHOLSON, 1998, pp. 18-19).

Também é do Peregrino Desconhecido o primeiro registro do tratamento que o Hospital dispensava aos doentes que recorriam à instituição. Em termos de reaproveitamento, o Peregrino diz que muitos médicos da Ordem costuravam sacos de batata ao redor das peles que protegiam os mais fracos, no intuito de isolá-los do mundo exterior. Seu relato é confirmado pelos acrescentamentos normativos de Roger de Moulins, que declarou, nos Estatutos de 1182, que um casaco de pele de carneiro deveria ser dado a cada paciente, bem como um par de sapatos e uma “proteção” de lã para quando se utilizassem das latrinas. O Estatuto deixa claro que cada um destes itens era absolutamente particular. A Regra de Raymond du Puy e o Peregrino Desconhecido também se complementam no que tange ao tratamento médico. Ao chegarem ao Hospital, os doentes precisavam confessar seus pecados antes de receberem comida e assistência. O tratamento não era diferenciado. Eles eram alimentados segundo o mesmo cardápio institucional dos Hospitalários. Depois de recuperar-se minimamente, o paciente era condicionado a declarar todos os seus bens diante de uma Bíblia, para que a instituição pudesse assegurar-se de sua idoneidade (EDGINGTON apud NICHOLSON, 1998, pp. 34-35).

Em caso de falecimento precoce, as roupas do morto eram cuidadosamente separadas das demais, e um grupo específico de Hospitalários era destacado com seus respectivos Sargentos ou quaisquer superiores imediatos para examiná-las em busca de dinheiro ou objetos preciosos costurados a elas. Em seguida, esse grupo de irmãos separava o vestuário em pilhas de tecidos e peças específicas, recolhendo os melhores itens e estocando-os para os pacientes cujas roupas originais não estivessem em condições de remendo. Pelo menos duas vezes por ano, o armário da instituição era destrancado para armazenamento, retirada e/ou contagem de roupas e calçados. Em alguns casos, os próprios internos tinham o direito de vasculharem o local, em busca de peças sobressalentes. Se um paciente eventualmente não conseguisse encontrar roupas que o servissem, a instituição procurava compensá-lo da melhor maneira possível – costurando peças personalizadas ou repassando sua equivalência em bens. Caso o paciente de bom grado tivesse cedido suas roupas em troca de tecidos limpos, era obrigado a devolver o empréstimo e resgatar o vestuário anterior quando de sua liberação. Para evitar distribuições injustas, havia um grupo de Hospitalários especialmente destacado para o registro das indumentárias.

O Peregrino Desconhecido igualmente discorreu sobre o funcionamento geral do Hospital. Segundo ele, a instituição era subdividida em onze alas caritativas. A pressão logística e assistencialista sobre os irmãos da Ordem pode ser compreendida quando temos em mente que, entre novembro e dezembro de 1177, mais de setecentos soldados tiveram que ser acolhidos após a Batalha de Montgisard, além dos novecentos homens e mulheres que já estavam internados. Segundo os relatos de Theodericus, os prédios conseguiam acomodar mais de mil pacientes, mas é de se esperar que este número podia ser duplicado em casos de extrema emergência. Sabe-se que os próprios Hospitalários de bom grado abdicavam de seus dormitórios para proporcionar mais espaço para os necessitados, dormindo eles mesmos nos corredores e pátios da instituição.

A enfermagem propriamente dita era conduzida por um Mestre de Ala e outros irmãos, Hospitalários ou servos, que supervisionavam e organizavam os pacientes. Os mais necessitados recebiam vinho a cada alvorada, logo após a

missa, ou açúcar – se assim preferissem. Enquanto os Sargentos e demais hierarquias superiores tomavam o café da manhã, os demais Hospitalários e servos esperavam o primeiro toque da torre do sino para servirem alimentos para os pacientes mais fracos. Depois disso, os doentes eram conduzidos à limpeza matinal, que basicamente se dava através de toalhas quentes umedecidas. Durante a noite, os pacientes recebiam outra dose de vinho ou açúcar, e duas vezes por semana eram obrigados a acompanharem a bebida com salada. O cardápio tinha alterações significativas a cada dois meses, e não raramente algumas guloseimas semanais o acompanhavam. Os próprios Hospitalários, contudo, mantinham-se afastados delas (KEDAR apud NICHOLSON, 1998, pp. 18-19).

Segundo os Estatutos de Roger des Moulins, todas as alas do Hospital contavam com contingente suficientemente treinado e a postos para tratar os doentes com delicadeza e obediência velada, mesmo em amenidades. Isso incluía banhos semanais e troca de lençóis, por exemplo. O Peregrino Desconhecido menciona doze funcionários em cada ala (cerca de cento e trinta irmãos) e garante um destaque especial para aqueles que permaneciam acordados durante a noite, certificando-se de que os doentes permaneceriam incólumes. Um dos procedimentos padronizados nesta hora do dia era a manutenção das luzes, que afastavam a insegurança e os pesadelos dos internos. A enfermagem também envolvia cobrir os pacientes incapacitados em caso de frio extremo, e sentá-los ou apoiá-los quando eles estivessem caminhando com dificuldade. Alguns Hospitalários também recebiam a tarefa de lavar a cabeça e aparar a barba dos homens doentes, quando necessário. Duas vezes por semana, estes mesmos irmãos deveriam lavar os pés dos pacientes e escová-los, para evitar a proliferação de doenças pela instituição. À ocasião das refeições comunitárias, os irmãos delegados expunham todos os internos a água benta e incenso, no intuito de igualmente purificar-los de males distantes da terra (DELAVILLE LE ROULX, Cartulaire, vol. 1, no. 627).

O Peregrino Desconhecido nos fornece mais detalhes sobre a enfermagem do que os próprios registros hospitalários. Segundo ele, cada paciente recebia um pedaço de pão com o mesmo tamanho, de forma a não estimular protestos de

desigualdade. A comida era cuidadosamente preparada pelos cozinheiros, e pontualmente servida. A Ordem destacava irmãos para provarem os alimentos antes de irem à mesa comunal, no sentido de garantir que a refeição fosse adequada. Quando os pacientes tinham pouco apetite, os enfermeiros eram obrigados a oferecer-lhes alimento complementar, que incluía pequenos pedaços de frango, cordeiro, peixe e ovos. Novamente, os Estatutos de Roger des Moulins completam esse relato, afirmando que a instituição estava condicionada a oferecer carne de porco ou carneiro como reforço alimentar, pelo menos por três dias da semana. O Peregrino menciona que o Tesouro do Hospital tinha uma reserva semanal específica para a obtenção desses e outros alimentos, como frutas e legumes (KEDAR apud NICHOLSON, 1998, pp. 19-21).

Os Estatutos também decretam que as macas dos moribundos, estrategicamente afastadas das demais, precisavam passar por vigilância redobrada, especialmente durante a noite. Relatos revelam que depois que os irmãos encerravam seus respectivos turnos, procuravam assegurar-se de que os irmãos seguintes cumpririam regularmente com suas atribuições, atentando a descuidos com os moribundos ou falta de ordem e delicadeza no remanejamento de seus corpos. Normalmente, um Sargento era destacado quando o último Hospitalário encerrava suas atividades atribuídas, para caminhar por todos os corredores da instituição até a alvorada, atentando não apenas à conveniente organização da Ordem, mas aos próprios cavaleiros que protegiam seu entorno. Caso o patrulhamento resultasse na identificação de qualquer erro, a instrução era corrigi-lo de imediato. Quando necessário, o Sargento era autorizado a aplicar a pena de flagelação no dia seguinte. Se um irmão por mais de uma vez fosse encontrado em desobediência, a instituição tinha o poder de suspendê-lo por tempo indeterminado, ou até mesmo aprisiona-lo. A punição previa até quarenta dias de cárcere, a pão e água (KEDAR apud NICHOLSON, 1998, pp. 21-23).

Pela alvorada, meia dúzia de irmãos era escolhida para cada ala, no intuito de conduzir os pacientes mais fragilizados até as latrinas, e posteriormente leva-los à limpeza e à mesa comunal. Quando necessário, os servos responsáveis por estes mictórios os esvaziavam e limpavam, mas comumente restringiam essa tarefa aos

urinóis individuais, muito mais utilizados. Caso os pacientes sofressem de alguma espécie de incontinência noturna, qualquer Hospitalário estava apto a secar os tecidos e prontamente substituí-los por novos.

Não obstante o Peregrino Desconhecido faça muitas menções a homens, também menciona uma ala separada e majoritariamente feminina, das chamadas “Mães de São João”, uma provável referência ao convento de Santa Maria Madalena. O hospital feminino foi, sobretudo, uma maternidade, em que as mães em trabalho de parto recebiam banhos quentes e quaisquer outros procedimentos de asseio e higiene corporal. A ala feminina também contava com um pequeno fraldário para os recém-nascidos (com tecidos basicamente reaproveitados da reserva de vestuários) e com uma humilde marcenaria, responsável pela construção e instalação de berços anexos às camas das mães. Sobre Hospitalárias de destaque, a primeira irmã historiograficamente reconhecida atendia pelo nome de Adelaide, aceita pela Ordem em meados de 1146, após doar todos os seus bens para a Igreja em busca de redenção para sua família. Sabe-se que morreu a serviço dos Hospitalários, destacando-se como uma das melhores enfermeiras da instituição (STRUCKMEYER, 2006, pp. 2-5).

Importante dizer, nem tudo acontecia dentro da Ordem. Conforme citado, o Peregrino Desconhecido atentou ao fato de que os Hospitalários também estendiam seus serviços para aqueles que, por um motivo ou outro, preferiam permanecer longe do Hospital. O Papa Inocêncio II por mais de uma vez elogiou a iniciativa. É de se imaginar que Papa esperava que a caridade Hospitalária eventualmente atraísse os necessitados para o interior da instituição, tamanha era a alegria com a qual os irmãos supostamente prestavam seus serviços assistenciais. Como se sabe, sobretudo pelo relato do Peregrino, isso geralmente não acontecia. Alguns serviços sociais restringiam-se às ruas de Jerusalém, e comumente apenas crianças abandonadas estavam plenamente abertas à possibilidade de serem acolhidas e alimentadas pelo Hospital. Curiosamente, casais de pedintes que eventualmente tinham o interesse de firmar matrimônio recorriam provisoriamente à Ordem, tanto pela benção da aliança quanto pelo vinho comemorativo (DELAVILLE LE ROULX, Cartulaire, vol. 1, no. 122/167).

Entre outros serviços assistenciais oferecidos pelo Hospital, incluem-se os ofícios de alfaiataria e sapataria. Registros entre 1131 e 1134 indicam a existência de um irmão sapateiro, dispondo de três servos para reparos em calçados velhos doados pela comunidade. Esse mesmo Hospitalário também tinha servos destinados ao remendo de roupas velhas, essas exclusivamente dedicadas à doação. Não menos importante, o Hospital mantinha um estoque de vestuário para o caso específico de resgates. De tempos em tempos, a instituição direcionava parte de seu Tesouro para libertar prisioneiros detidos pelos muçulmanos. O Peregrino Desconhecido menciona trinta deles. Os Hospitalários receberam àqueles que se sujeitaram a seus cuidados, prontamente alimentando-os e acomodando-os. A maior parte dos recém-libertos, todavia, estava mais interessada em retornar para suas respectivas terras e famílias (DELAVILLE LE ROULX, *Cartulaire*, vol. 1, no. 627).

Conclusão

Com as constantes ocupações militares de Jerusalém, e a ascensão das ameaças muçulmanas, os Hospitalários eventualmente foram convocados a não apenas zelarem pela especificidade individual, mas pela própria defesa fronteiriça. A partir disso, a crescente beligerância nublaria seus aspectos contemplativos, mas não sua história. A partir de sua cultura monástica, os Hospitalários ganharam sua motivação e a razão para seu serviço de atendimento e assistência aos peregrinos em Jerusalém. As crenças religiosas dos viajantes, sua gratidão pelo serviço prestado, conduziram ao apoio papal inicial que a Ordem precisava para desenvolver sua riqueza, material e espiritual. Desde Gerardo, o primeiro Grão-Mestre da Ordem, a ideia de que a instituição prontamente abria suas portas a despeito da origem da necessidade ou do necessitado – salvo os casos de lepra – popularizou-se. De acordo com a Regra de Raymond du Puy, a missão caritativa do Hospital foi fundada sobre a crença de que Deus se preocupava com a necessidade das pessoas, e não com seu sexo ou posicionamento social. Nesse contexto, muçulmanos e judeus, até onde vão os relatos, foram tão bem recebidos quanto os

próprios cristãos nas dependências hospitalárias – desde que, é claro, respeitassem seus preceitos e reservassem suas crenças à particularidade de suas próprias vidas.

Em um panorama geral, John de Würzburg e Theodericus são as maiores fontes de elogio ao ministério caritativo oferecido aos viajantes e enfermos. John escreveu sobre a grande despesa incorrida no funcionamento e manutenção do Hospital, e Theodericus comentou sobre a generosidade Hospitalária em dar refresco aos pobres e doentes, a despeito de onde tivessem saído. O enaltecimento desses e outros peregrinos para o trabalho dos irmãos serviu como inestimável instrumento de divulgação e estímulo. O próprio relatório do Peregrino Desconhecido serve como base dessa afirmação, pois nele o autor assume ter se inspirado na dinâmica hospitalária para ele próprio propagar caridade e amor cristão por onde quer que andasse. De acordo com o Peregrino, boa parte do mundo permitia que o amor crescesse frio e insosso, mas a caridade do Hospital de Jerusalém era estranha a esse mundo. Da mesma forma que João Batista serviu a Cristo e estendeu assistência aos necessitados, operaram os Hospitalários que originalmente colocaram-se sob seu patronato.

Referências Bibliográficas

A REGRA DE SÃO BENTO. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 2003.

ABBÉ DE VERTOT. **Histoire des Chevaliers de Malte.** Tours: Ad Mame Et Cie, 1855. Disponível em <http://bit.ly/NQdF5f> Acessado em 15/07/2013.

ABBÉ DE VERTOT. **The History of the Knights Hospitallers of St. John of Jerusalem.** Edimburgo: R. Fleming, 1757. Disponível em <http://bit.ly/NQdI1d> Acessado em 15/07/2013.

BONNET, M. R; MARTINENA, R. (Ed.). **Estatutos de la Orden de San Juan de Jerusalém: edición crítica de los manuscritos occitanos (S. XIV).** Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2006.

COSTA, P. P. **Norma e desvio na Ordem do Hospital**. Revista da Faculdade de letras. História. Porto, III série, vol. 3, 2002, p. 49 – 62. Disponível em <http://bit.ly/R9bKZg> Acessado em 15/07/2013.

DELAVILLE LE ROULX, J. **Cartulaire general de l'Ordre des Hospitaliers de S. Jean de Jerusalem**. Paris, 1895-1906.

DELAVILLE LE ROULX, J. **Les archives de l'Ordre de l'Hôpital dans la Péninsule Ibérique**. Paris: E. Leroux, 1893. Disponível em <http://bit.ly/SyH3Co> Acessado em 15/07/2013.

DELAVILLE LE ROULX, J. **Les Statuts de L'Ordre de L'Hopital de Saint Jean de Jérusalem**. Bibliothèque de l'Ecole de Chartes, t. XLVIII. Paris, 1887. Disponível em <http://bit.ly/POm63L> Acessado em 15/07/2013.

DEMURGER, Alain. **Os cavaleiros de Cristo: templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média (séculos XI – XVI)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2002.

FOREY, A. J. **Novitiate and instruction in the military orders during the twelfth and thirteenth centuries**. In: SPECULUM, Vol. 61, nº 1, 1986, p. 1-17.

GARCÍA-GUIJARROS RAMOS, Luis. **La militarización de la Orden del Hospital: líneas para un debate**. In: Ordens Militares: guerra, religião, poder e cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, Vol. 2. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmela, 1998, p. 293-302.

GIRO, F. **L'habit du moine hospitalier à la fin du XIIème siècle**. Disponível em <http://bit.ly/RLlak5> Acessado em 15/07/2013.

NICHOLSON, Helen. **The Knights Hospitaller**. Woodbridge: The Boydell Press, 2001.

NICHOLSON, Helen. **The Military Orders**. Vol. 2: Welfare and Warfare. Aldershot: Ashgate, 1998.

NICOLLE, David. **Knights of Jerusalem: the crusading Order of Hospitallers 1100-1565**. Oxford: Osprey Publishing, 2008.

RILEY-SMITH, J. **Hospital spirituality in the Middle Ages, sovereign order of St John of Jerusalem of Rhodes and Malta**. Journal of Spirituality, 2002.

RILEY-SMITH, J. **Hospitallers: the history of the Orders of St. John**. London/New York: Continuum Publishing, 1999.

SIRE, H. J. A. **The Knights of Malta.** New Haven e Londres: Yale University Press, 2005.

SMITH, Harrison. **Order of Saint John of Jerusalem.** Delft: Akkerprint, 1977.

STRUCKMEYER, M. **Female Hospitallers in the twelfth and thirteenth Centuries.** University of North Carolina, 2006.